

# ENTREVISTA COM FRED HALLIDAY

Sofia Lorena

**E**specialista em Médio Oriente, Fred Halliday esteve em Lisboa a convite da Universidade Nova e da Fundação Mário Soares para participar no VII Curso de História Contemporânea, «Portugal, a Europa e o Atlântico», realizado de 22 a 27 de Novembro de 2004 (coord. de João Gomes Cravinho), altura em que se realizou esta entrevista.

Nascido em Dublin, em 1946, Halliday estudou Política, Filosofia e Economia em Oxford e passou ainda pela London School of Economics, onde é desde 1983 professor de Relações Internacionais. Com uma obra vasta, a reflectir interesses que passam pelo estudo das revoluções contemporâneas, da teoria das relações internacionais e do Islão, dedica-se há mais de três décadas ao estudo dos países do Médio Oriente. É autor, entre muitos outros, de *Islam and the Myth of Confrontation* e *Two Hours that Shook the World: 11 September 2001, Causes and Consequences*.

**SOFIA LORENA** > *Alguns analistas acreditam que o segundo mandato do Presidente George W. Bush tem condições para ser mais conciliador em termos de política externa. Quais são as suas expectativas?*

**FRED HALLIDAY** > Bush já mostrou duas coisas no seu primeiro mandato: primeiro, que tem uma agenda clara, que é a agenda dos neoconservadores, e segundo, mostrou que é muito capaz de enganar as pessoas sobre as suas intenções. Quando foi eleito, em 2000, foi-o com base nas promessas de que seria um conservador com compaixão, algo que não mostrou em nenhuma das suas políticas domésticas ou externas. Em segundo lugar, depois do 11 de Setembro pediu ao mundo apoio e o mundo deu-lhe apoio – lembramo-nos que o *Le Monde* escreveu «Somos todos americanos». E em Janeiro de 2002 fez o famoso discurso do Estado da União, o discurso do «eixo do mal», que envolvia a confrontação com três poderes do mundo e uma política externa diferente, e não consultou mais ninguém no mundo, nenhum outro estado, antes de o fazer, antes de tomar esta iniciativa. Penso que às vezes finge ser uma ovelha, mas é um lobo. Agora ele tem a autoridade de ter sido eleito de uma forma clara, tem o Congresso e também é

preciso não esquecer que é um político e tem de responder a lobbys muito poderosos em termos de política externa. Obviamente, ele não é um líder forte no sentido de poder resistir aos que o rodeiam, em particular pessoas como [Dick] Cheney. Em termos internos, o mais importante vão ser as nomeações judiciais para o Supremo Tribunal. Foi o Supremo que decidiu a eleição na Flórida, por 5-4 votos, não nos esqueçamos. Em segundo lugar, ele vai prosseguir as suas políticas sociais, as chamadas políticas de família, e não vejo razões que o façam parar.

Em termos internacionais, penso que as coisas são um pouco mais incertas não porque ele queira consultar outros estados mas porque ele reconhece, a um algum nível, os limites do poder americano. E temos dois exemplos óbvios disto: um prende-se com a China, que Bush já não critica. Desenvolveu mesmo uma relação bastante especial com Pequim. Em segundo lugar, penso que analisa duas opções em relação ao Irão, saber se vai avançar com uma campanha militar contra o país ou não. Não estamos a falar de uma invasão mas de uma possível acção militar – sabemos que a Força Aérea americana preparou várias centenas de mísseis antibunker para atacar as suspeitas localizações nucleares do Irão. Penso que gostaria de atacar o Irão, penso que os seus colaboradores pró-israelitas gostariam que ele atacasse o Irão. Mas por outro lado reconhece uma série de riscos – isto provocaria inúmeros problemas no Iraque, estamos a falar de um enorme desastre, porque os iranianos retaliariam ali, e em segundo lugar retaliariam contra Israel porque têm centenas de mísseis com o Hezbollah no Líbano. Estas precauções não significam que tenha mudado de ideias ou consultado outros estados, mas que reconhece os limites do poder americano.

*s.l. > As dificuldades do pós-guerra no Iraque não são suficientes para impedir outra confrontação preventiva, pelo menos sem um consenso internacional alargado?*

*F.H. > Todas as crises produzem lições. Mas cada um pode tirar lições diferentes das crises. Em relação ao Iraque, algumas pessoas diriam que é preciso ser mais cuidadoso e enfrentar os problemas com instrumentos políticos, mas outras poderão dizer que é preciso usar mais força militar. Se olharmos para trás, para os erros cometidos pelos americanos desde o derrube de Saddam Hussein, na Primavera de 2003, não há uma linha única de lições. Eu tiraria um determinado conjunto de lições, a maior parte dos iraquianos tira um conjunto de lições, e eu concordo com o que pensa a maioria dos iraquianos. Bush e [Donald] Rumsfeld poderão tirar outro conjunto diferente de lições. Por exemplo, há agora a questão de encerrar as fronteiras entre o Iraque e os outros países. Antes de mais, isso é impossível, e qualquer pessoa que conheça aquela parte do mundo sabe que aí sempre houve contrabando de pessoas e armas e, em segundo lugar, esse não é o problema principal. Importante é construir instituições políticas que envolvam o maior número possível de grupos que constituem a opinião pública iraquiana, e, em segundo lugar, ganhar a boa vontade e a cooperação dos estados*

vizinhos. Selar as fronteiras é, francamente, uma irrelevância. Não tenho a certeza de que tenha aprendido as lições.

A um nível mais abrangente, e isso é o que me preocupa mais, ele não aprendeu nenhuma lição sobre a guerra contra o terrorismo. Conhecendo o Afeganistão, o Irão e o Iémen como conheço, sei que há nestes países forças políticas que querem atacar estados e interesses ocidentais e querem derrubar os seus regimes. Há uma verdadeira ameaça de insurreição que usa o terrorismo nestes países e que opera internacionalmente. E sabemos, por informações de Espanha nos últimos meses, e do Reino Unido, até que ponto é profunda a presença desta insurreição no Ocidente. Por outro lado, há também as condições políticas que deviam ser tidas em conta e duas em particular: uma é que não é possível resolver o problema dos muçulmanos e da insurreição no mundo islâmico se não se enfrentar seriamente a questão da Palestina. [O primeiro-ministro, Ariel] Sharon é o melhor agente de recrutamento de Osama bin Laden. Em segundo lugar, não é possível compreender este problema se não se vir que as origens deste terrorismo estão na Guerra Fria e que os Estados Unidos, o Reino Unido e a Arábia Saudita carregam uma responsabilidade grande na emergência deste tipo de terrorismo porque o promoveram nos anos 80 contra a União Soviética. Até que se reconheçam estes dois níveis políticos não se poderão fazer quaisquer progressos. Bush está a conduzir o autocarro da luta do mundo contra o terrorismo, mas está a levá-lo na direcção errada.

*S.L. > Falou do Iémen, do Irão e do Afeganistão. Em Teerão, aproxima-se o fim da presidência de Mohammad Khatami. Os que votaram nele com esperanças de aberturas continuam a querer mudanças. O que podemos esperar das próximas eleições?*

*F.H. > A experiência Kathami, que durou de 1997 a 2005, duas eras de quatro anos como Presidente, desiludiu muitas pessoas, fez muitos perderem a esperança de reformas no país. Isso aconteceu por muitas razões. Antes de mais, no sistema iraniano, o verdadeiro poder não é do Presidente, está no líder supremo e as pessoas que rodeiam o líder supremo nunca pretenderam dar verdadeiro poder à oposição. Em segundo lugar, eles estão a olhar para o contexto regional, e dizem «os americanos estão a Leste, estão a Oeste», «temos a ascensão de um sunismo muito fundamentalista». Não podemos esquecer que Osama bin Laden e [Abu Mussab] Zarqawi, no Iraque, querem matar xiitas. Em países como o Paquistão, estão a matar xiitas. Esta é uma dimensão do Iraque que poucas vezes vemos: o conflito no Iraque piorou as relações entre sunitas e xiitas de uma forma abrangente, e está também a tornar os xiitas mais militantes em relação ao Irão. Por isso, tanto doméstica como internacionalmente, os membros da linha dura não têm nenhuma intenção de abdicar do poder. Por estas razões e porque, nestes países, se não se tem controlo do Estado não se controla o petróleo e esta é a maior fonte de riqueza. O Irão é governado por uma espécie de nomenclatura islâmica de cerca de cinco mil*

peças. Alguns são responsáveis religiosos, alguns laicos. São pessoas que têm acesso a dinheiro, aos negócios, por exemplo [Akbar Hachémi] Rafsandjani, o ex-Presidente, é um grande homem de negócios, tal como os seus filhos e irmãos. Estas pessoas são como uma grande família governante, ou como um grande comité central. E não têm nenhuma intenção de abdicar do poder. Mas também sabem que se enfraquecem vão ser depostos. E é por isso que o Guia Supremo [ayatollah Ali Khamenei] alude nos seus discursos a [Salvador] Allende, e diz «nós não vamos ser derrubados com um sopro de vento pela CIA».

Claro que os reformistas também falharam porque não têm uma organização política forte, Khatami não tinha um verdadeiro partido e não havia nenhuma disciplina no Parlamento. A coligação de Khatami era um pouco como o [Partido dos Trabalhadores] PT de [Luiz Inácio Lula da Silva] Lula, uma coligação de tudo, uma família feliz, desde que chegasse ao poder. Uma vez chegados ao poder, desintegraram-se.

Em segundo lugar, o próprio Khatami tem dois grandes fracassos – não tem força de vontade, é um homem simpático mas não é homem para uma luta, não quer combater; por outro lado, não entende a economia, e essa é a grande fraqueza do projecto iraniano. Em geral, os islamistas, por todo o lado, na Argélia, no Egipto, na Palestina, no Irão, não têm um projecto económico, não têm respostas a estas perguntas, à parte algumas ideias vagas sobre justiça social e luta contra a globalização. Mas isto são apenas grandes slogans do Terceiro Mundo, não querem dizer nada. Eles não pensam em economia. E Khatami em particular não tem interesse em assuntos económicos. E este é o maior problema do Irão: há entre 30 a 40 por cento de desemprego, há a inflação, um crescimento da população. E a elite iraniana, que é muito arrogante, assim como esperta, gosta de pensar em si como os chineses, mas eles não são os chineses, que compreenderam a necessidade de reformar a economia, ao contrário dos iranianos. Vivem num mundo de sonho. E este é o principal problema no Irão.

Agora, depois de oito anos de Khatami, as pessoas dizem «o processo de reformas não resultou». Não porque ele fosse um líder repressivo ou brutal mas porque não tinha nenhum projecto político. Há um ditado persa que diz que o cão vermelho é o irmão do chacal. Khatami é o cão vermelho e Khamenei é o chacal, no sentido em que Khatami não quer quebrar o sistema, não o quer desafiar, basicamente são da mesma família. As pessoas no Irão estão fartas do regime, querem mudanças e esperavam que Khatami as trouxesse e ele não o fez. É por isso que os iranianos brincam e dizem que gostariam que os americanos viessem. Há a história de um homem que entra num táxi em Teerão e o taxista começa a falar de Saddam Hussein, [do Presidente sírio] Bashir al-Assad e [do líder norte-coreano] Kim Jon-il. Está muito bem informado sobre eles e o homem pergunta-lhe como é que sabe tanto sobre estas pessoas. Ele responde, «estes malditos, Saddam e Assad, nós éramos os primeiros na fila, e agora estes tipos passaram-nos à frente».

S.L. > *Querem qualquer coisa que force uma evolução.*

F.H. > Sim, querem que algo mude. Este é um sentimento muito generalizado no país. Mas também há conversas amargas, dizem que daqui a mil anos, em Teerão, as pessoas ainda vão dizer «daqui a dois meses os mullahs saem do poder». Tudo falhou. Há pessoas no Irão que dizem que foi uma coisa boa que os mullahs tenham chegado ao poder porque isso contagia toda a gente contra o fundamentalismo islâmico. Mas as pessoas estão fartas disto. E as pessoas noutros países muçulmanos não tiram estas conclusões, dizem «ah, mas eles são xiitas, ou Khomeini é um agente britânico», e as pessoas no Irão estão fartas.

S.L. > *Referiu-se ao Iémen como outro dos países onde existem radicais com vontade de atacar estados ocidentais e remover os seus próprios regimes. Depois do 11 de Setembro, falou-se do país como cenário de ensaio americano para a luta contra o terrorismo.*

F.H. > O Iémen é um país muito próximo do meu coração, que visitei pela primeira vez em 1970. É como a Palestina, é um país que não foi colonizado, por isso não tem um Estado forte. Nos anos 80 e 90 o conflito, tal como no Afeganistão, entre um governo pró-soviético socialista e uma oposição que era tribal mas também integrava elementos de fundamentalismo islâmico próximos de bin Laden. Na guerra civil de 1994 o Presidente do Norte do Iémen usou os fundamentalistas islâmicos para atacar e matar os soldados no Sul. Tal como no Afeganistão, a Al-Qaida foi usada para combater os soviéticos. Aqui também não se pode divorciar a influência da Al-Qaida ou a sua disseminação e capacidade de recrutar militantes, da Guerra Fria e da luta contra o comunismo na região. Tal como os israelitas, até certo ponto, usaram o Hamas para combater a Fatah, e tal como na Argélia uma facção do regime encorajou os fundamentalistas contra outra facção, por motivos políticos. Por ter trabalhado no Afeganistão e no Iémen, considero-me um antiterrorista prematuro. Eu estava contra estas pessoas quando elas ainda tinham aliados no Ocidente. Mas temos de perceber que é daqui que isto parte. Agora, claro, no Iémen o Presidente Ali Abdullah Saleh diz que não tem nada a ver com estas pessoas, mas isso não é assim tão simples. Alguns, próximos de bin Laden, são casados com a família no poder, e fazem lá muito dinheiro. E como não há Estado, estas pessoas são fortes. Mas temos de ver o contexto. Isto não significa que o Iémen seja uma base para o terrorismo como era o Afeganistão dos taleban.

S.L. > *Em relação ao Afeganistão, e apesar das eleições presidenciais, tem-se mostrado pessimista. Acha que o país ainda se pode desintegrar e ficar de novo entregue aos fundamentalistas ou à guerra civil?*

F.H. > O Afeganistão é um país sem um Estado centralizado, onde a maior fonte de rendimentos provém do ópio e onde o desarmamento das milícias é uma anedota.

E muitas das pessoas que desarmam estão, de uma forma ou outra, a trabalhar na polícia e no exército. Não temos um Estado central, temos uma corrupção generalizada, o factor étnico está a crescer, a produção de ópio está a crescer. De momento, há uma espécie de trégua que permite ao governo de [Hamid] Karzai manter-se, mas não vejo nenhuma possibilidade de transição para um Estado moderno. Quando a comunidade internacional perder o interesse, os senhores da guerra vão tornar-se mais poderosos outra vez e, mais importante, os taleban vão aproveitar-se disso. Os taleban continuam a ser uma força importante no país, não foram eliminados, e estão a ganhar terreno, não apenas nas áreas do Sul, abaixo de Kandahar, mas também nas áreas do Centro e do Norte. Estão à espera do seu tempo. Não há um verdadeiro compromisso internacional: as forças da NATO estão estacionadas em poucas áreas, o dinheiro para os grandes projectos de reconstrução não existe.

O Afeganistão está em processo de espera mas penso que vai haver um recuo. E depois chegamos à questão mais geral, que é a de perceber se o Afeganistão vai voltar à situação que tínhamos nos anos 80 ou 90 com a guerra no país a servir como o contexto em que os estados regionais combatem entre si. E aqui estamos a falar do Paquistão, do Irão, mas também da Rússia. A Rússia é o poder regional mais importante no Afeganistão, estão a apoiar os seus amigos da Aliança do Norte, da máfia do Panshir. Podemos voltar a uma situação regional muito perigosa mas se a Rússia, o Irão e o Paquistão se puserem de acordo pode haver uma contenção relativamente ao que vai acontecer no Afeganistão.

*s.l. > Diz que há um mundo não europeu que ataca hoje a dominação ocidental e aqui coloca a ofensiva militar e política da Al-Qaida e a ofensiva económica da China. Tem escrito que a mais significativa é a da China.*

*f.h. > A China é um enorme poder regional que exclui os Estados Unidos. Quer ser uma potência económica mas não evoluiu politicamente. Eventualmente deverá falhar por ter falhado politicamente. A não ser que haja uma grande crise no país, o que não é do interesse de ninguém, vai continuar a ser um enorme poder económico.*

*s.l. > Considera que o projecto que a Al-Qaida protagoniza vai falhar a curto prazo. Admitindo a desintegração da Al-Qaida enquanto grupo e rede, não é verdade que, ao mesmo tempo, os grupos que hoje se revêem na sua ideologia e que atacam o Ocidente estão a crescer? Alguns deles anteriores à Al-Qaida.*

*f.h. > Sim. Em primeiro lugar, é preciso distinguir, quando se avalia a Al-Qaida, entre as actividades da Al-Qaida e o fundamentalismo sunita em geral, que tem estado activo no Médio Oriente nos últimos vinte anos e cujo objectivo inicial era derrubar os regimes locais. É certo que não estamos a lidar com uma única organização como a ETA, estamos a lidar com aquilo a que podemos chamar uma insurreição internacional. Não é uma*

guerra, mas é uma insurreição muito alargada que é capaz de recrutar pessoas tanto no Médio Oriente como no Ocidente e que pode desenvolver diferentes tipos de acções militares. Existe uma coisa chamada Al-Qaida, existe essa organização, mas tornou-se o centro de uma estrutura mais descentralizada ou até pós-moderna que, em última análise, se apoia, como grande parte da política global se baseou nos últimos duzentos anos, na inspiração como força de exemplo. Se pensarmos na disseminação do nacionalismo pelo mundo depois da Revolução Francesa, não se pode dizer que existisse um centro organizador de poder para o nacionalismo em Paris, ou Dublin ou Roma, mas o exemplo do nacionalismo num país encorajava outro. É isso que se passa hoje, não temos que provar que bin Laden sabia dos ataques em Madrid ou se está no Iémen para vermos como ele inspira estes movimentos. Talvez isto continue por muito tempo, mas não penso que nos nossos dias eles possam destruir as economias ou o sistema político do Ocidente. Têm os seus sucessos, claro, bin Laden conseguiu reeleger George W. Bush, isso foi um sucesso, que lhe permite continuar a confrontar um Ocidente muito militarizado. Mas isso é diferente de dizer que vamos destruir o nosso modo de vida. Claro que permanece aqui uma grande questão, para a qual eu não tenho respostas, e tenho pensado muito nisso em Espanha. Quais foram as consequências desta guerra contra o terrorismo no Ocidente? Não apenas política ou economicamente, mas psicologicamente, e nem sequer sei como é que isso se mede. A minha impressão é que estamos de regresso ao medo.

*s.l. > Em Espanha, mas também em Itália, ou na Holanda.*

*F.H. > Sim, mas historicamente, a analogia que temos, a única, é o comunismo. Era plausível argumentar nos anos 20 e nos anos 40, e em Portugal nos anos 70, que os partidos comunistas podiam chegar ao poder em muitos países. Não há qualquer possibilidade de os islamitas chegarem ao poder nem há qualquer possibilidade de que eles possam ser destruídos através do poder militar. Nós podemos vir a pagar um preço elevado durante cinquenta ou cem anos. Isso é perfeitamente possível. Mas este é apenas o último capítulo de uma longa história. O IRA durou trinta anos, a ETA já dura há quase quarenta, isto pode continuar por muito tempo. Mas eles não vão destruir o Ocidente. Tendo dito isso, numa perspectiva mais pessimista, esta insurreição, mais forte por ser descentralizada, pode continuar por muito tempo. E porquê? Porque Bush e Sharon a estão a provocar, estão a torná-la pior. Não estou a dizer que se fossemos todos simpáticos, eles desapareceriam amanhã. Não, os liberais não resolvem o terrorismo, mas certamente tornam-no mais fraco.*

*s.l. > Em alguns países europeus a jovem geração de muçulmanos está mais radicalizada que as anteriores. E os sentimentos anti-islâmicos, mesmo que não dirigidos à religião em si, estão a crescer. O que é que a Europa deve fazer?*



F.H. > A ascensão da China é o mais importante assunto mundial, mas para a Europa, o mais importante é o Médio Oriente e o mundo muçulmano, e continuará a sê-lo por muito tempo. Temos de pensar muito seriamente sobre isto, e penso que devemos começar pela abordagem intelectual. Primeiro, a direita, pessoas como José María Aznar, não podem pensar numa forma séria estes problemas porque só pensam em termos militares, não olham para a dimensão política, não vêem as causas políticas e não procuram as soluções políticas, e são perigosos.

A esquerda e o movimento antiguerra, por seu turno, também vivem de ilusões, porque não vêem a perspectiva militar, a dimensão de segurança, que está lá e que toda a gente sabe que existe. E é disso que as pessoas têm medo. O movimento antiguerra em relação ao Iraque vive num mundo de sonho, não confronta o problema alargado do terrorismo e também não confronta a questão das responsabilidades que temos para com estes países. Há uma espécie de imagem limitada tanto na esquerda como na direita.

E em terceiro lugar, e digo-o como um académico, houve um fracasso completo da sociedade ocidental, da universidade ocidental, em produzir peritos nestes países. Se compararmos o número de pessoas que durante a Guerra Fria estudavam a Rússia com o número de pessoas que trabalham sobre o Médio Oriente, é catastrófico. Falta-nos perspectiva histórica, alguma modéstia e conhecimento na forma como olhamos para o mundo árabe e muçulmano. Não gosto da palavra diálogo, que normalmente significa dois grupos de homens com barbas comprimidas a falar de paz, sem ouvir as mulheres. Mas é preciso ouvir e para ouvir é preciso conhecer a história destes países, conhecer qualquer coisa da língua, dos costumes. No Iraque, não digo que os peritos teriam resolvido os problemas, mas se os que existem tivessem sido ouvidos teriam dito pelo menos três coisas: se vão atacar o Iraque é preciso ter a boa vontade do Irão, não se pode ir para o Iraque antes de resolver o problema da Palestina, e em terceiro lugar não podem destruir as estruturas de segurança a não ser que elas vos combatam. Há uma falta real de preparação intelectual.

É verdade que até agora a oposição na Europa Ocidental não é ao Islão, e isso é muito importante. É por isso que eu não gosto da palavra islamofobia. Mas isso pode mudar e temos um problema de longo prazo.

E a segunda geração, em vez de ser mais liberal, mais integrada, ou mais educada, é menos flexível.

S.L. > *E mais influenciada pelos fundamentalistas.*

F.H. > Sim, por algumas ideias fundamentalistas que chegam do Médio Oriente, é verdade. A única maneira de lidar com isto é através do respeito, é ouvindo, mas é também esperar o mesmo do outro lado. É dizer que se alguém quer viver em Portugal, na França, ou na Alemanha, deve conhecer a língua, tem que respeitar a lei e absorver



alguma coisa dos costumes. Não há nenhum problema em um muçulmano viver numa sociedade ocidental democrática, não há aqui nenhuma contradição. Eu estou muito mais preocupado com a influência da extrema-direita na América do que com a influência dos muçulmanos nas sociedades europeias. Mas é preciso aprender e muito poucas pessoas fazem este esforço em direcção a estas sociedades e eles, muitas vezes, também não o fazem. O problema agora é também que os descontentes não têm grandes alternativas, hoje a alternativa são os fundamentalistas que se insurgem contra a corrupção dos regimes. **RI**